

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT06.027

# FOTOGRAFIA EXPERIMENTAL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAS: O USO DA CIANOTIPIA COMO PÓETICA INTERDISCIPLINAR

Erycka Thereza Cavalcante Chaves Oliveira<sup>1</sup>

Julyana Batista de Vasconcelos<sup>2</sup>

Lydiane Batista de Vasconcelos<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência de um projeto realizado em 2023, na Escola Municipal Aruanda, localizada na cidade de João Pessoa-PB. O Projeto Afro-Indígena: Práticas Educativas Étnico-Raciais foi desenvolvido em parceria com o Instituto Alpargatas. A iniciativa ocorreu de forma interdisciplinar, envolvendo as disciplinas de Artes, Ciências e História, e teve como público-alvo os alunos do 7º ano. O projeto tinha como foco a implementação e o debate da Lei 10.639/03, partindo da corporeidade dos alunos, de suas vivências e saberes. Dentro do projeto, realizamos o experimento artístico “Identidade e Saberes”, por meio de uma oficina ministrada pela artista

- 1 Mestra em Gestão nas Organizações Aprendentes pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; especialista no Ensino de Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB; Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UNAVIDA. Docente na Prefeitura Municipal de João Pessoa - PB. [proferyckachaves@gmail.com](mailto:proferyckachaves@gmail.com).
- 2 Especialista em Arte e Tecnologia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; Licenciada em Educação Artística pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. [julyanadevasconcelos@hotmail.com](mailto:julyanadevasconcelos@hotmail.com).
- 3 Mestra em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - UEPB; Licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. [lydianebatista@yahoo.com.br](mailto:lydianebatista@yahoo.com.br).

Li Vasc, que partiu de sua própria poética e da pesquisa da artista Marina Soares, bem como das suas impressões com cabelos em cianotipia. Dialogamos com o referencial teórico: Silva (2016); Pinheiro (2022, 2023); Venere, Moreira e Velanga (2021). O projeto possibilitou a ampliação do repertório cultural dos estudantes, articulando teorias às práticas poéticas, tendo como eixo central as relações étnico-raciais. A articulação entre Arte, Ciências e História favoreceu uma aprendizagem significativa, na qual os alunos puderam conhecer e vivenciar a fotografia experimental. Além disso, a parceria com a artista aproximou os estudantes das linguagens visuais contemporâneas e de uma perspectiva de produções sensíveis. Os relatos dos participantes, bem como as suas produções artísticas, evidenciaram que a abordagem interdisciplinar é um caminho profícuo para o debate das culturas afro-brasileiras no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Lei10.639/03, Artes, Interdisciplinar, Projeto, Cianotipia.

## INTRODUÇÃO

Anualmente, a Escola Municipal Aruanda desenvolve uma proposta interdisciplinar voltada para o estudo e a valorização das culturas afro-brasileira e indígena. Em 2023, o projeto recebeu o título “Projeto Afro-Indígena: Práticas Educativas Étnico-Raciais”, tendo como objetivo principal conscientizar a comunidade escolar sobre as tradições dessas culturas e promover o combate ao preconceito étnico-racial.

De acordo com Porto e Porto (2012), o trabalho com projetos representa uma forma de ensinar a partir da pesquisa, compreendendo o projeto não apenas como um método, mas como uma verdadeira pedagogia. Nessa perspectiva, torna-se essencial desenvolver propostas de ensino de Ciências que integrem as dimensões da arte e da ciência, enfatizando a amplitude do pensamento criativo humano (CARUSO; CARVALHO; SILVEIRA, 2002).

O experimento artístico “Identidade e Saberes” foi concebido a partir do estudo da obra da artista visual Li Vasc, que atua com instalações, escutas e fotorperformances. Li Vasc é artista visual, escritora e professora nas áreas de fotografia, literatura, antotipia e cianotipia, desenvolvendo pesquisas em fotografia experimental em sala de aula. Como referência para a relação de cianotipia e impressão de cabelos utilizamos o trabalho da artista visual pernambucana Marina Soares da Silva.

A cianotipia é uma técnica fotográfica desenvolvida no século XIX, baseada na exposição de sais férricos à luz solar, resultando em imagens de tonalidade azul-prússia. Inventada em 1842 pelo cientista e astrônomo inglês Sir John Herschel, a técnica foi posteriormente popularizada pela botânica e fotógrafa Anna Atkins a partir de seus experimentos com algas marinhas.

O processo utiliza o contato direto entre o negativo ou objeto e o papel sensibilizado, criando uma experimentação estética que fez da cianotipia um importante recurso de criação artística e científica (ANDERSON, 2019). No contexto contemporâneo, a técnica tem sido retomada por artistas

e educadores como meio de investigação sobre materialidade, tempo, memória e identidade (SOARES, 2022; CHAGAS et al., 2024).

No presente trabalho, utilizamos a cianotipia como ferramenta de reflexão sobre arte e estética afro-brasileira, registrando o cabelo e o retrato dos estudantes como símbolos de identidade, ancestralidade e resistência cultural. Essa prática buscou promover o reconhecimento da beleza e da diversidade étnico-racial, aproximando arte e ciência em um processo de criação sensível e coletivo (CARUSO; CARVALHO; SILVEIRA, 2002; PORTO; PORTO, 2012). A incorporação de elementos naturais, como plantas medicinais associadas às culturas afro e indígena, também ampliou o diálogo entre saberes tradicionais e práticas experimentais, reafirmando a potência educativa e simbólica da imagem fotográfica artesanal.

Além disso, foram utilizadas plantas como meio de reflexão sobre os saberes medicinais vinculados às culturas afro e indígena. Complementando esse percurso, as práticas fotográficas experimentais (Silva, 2016; Pinheiro, 2022, 2023; Venere, Moreira e Velanga, 2021) se configuram como uma linguagem expressiva e potente para a elaboração do vivido, transcendendo a mera função representacional. A fotografia, nesse contexto, deixa de ser apenas um registro ou documentação do real e passa a operar como um gesto criativo, uma superfície de inscrição do sensível, da memória e das experiências subjetivas que constituem o percurso formativo. Ao considerar a prática fotográfica, Pinheiro (2022; 2023) enfatiza seu caráter como espaço de produção de subjetividades, no qual a construção da imagem se entrelaça com processos de autoconhecimento e de narrativa de si, articulando temporalidades e experiências que se tornam visíveis através da própria fotografia. Por meio de uma pesquisa intensa na fotografia experimental, a artista produz desde em contextos ligados a agricultura familiar até em sala de aula.

Por sua vez, Venere, Moreira e Velanga (2021) argumentam que a fotografia se constitui como linguagem que articula estética e ética, corpo e mundo, visível e invisível. A dimensão ética da prática fotográfica, nesse

caso, emerge da responsabilidade do olhar e da sensibilidade do fotógrafo em relação àquilo que é registrado, ao mesmo tempo em que se estabelece um diálogo entre experiência individual e coletividade. Dessa forma, a fotografia, longe de ser um produto final isolado, integra-se como parte constitutiva da experiência de formação, revelando-se como ferramenta de reflexão, expressão e engajamento com processos sociais e educativos.

Assim, essas diferentes perspectivas convergem para uma compreensão da fotografia como um instrumento potente na docência, possibilitando uma prática de si e com os outros, evidenciando uma dimensão ética, estética e experiencial da formação dos alunos e professores. A fotografia, nesse horizonte, pode ser um caminho para trabalhar com temas coletivos a exemplo do enfrentamento ao racismo.

No nosso caso, a fotografia nos possibilitou uma interdisciplinaridade em torno do tema étnico racial. Muito mais do que uma transposição didática, construímos coletivamente saberes por meio de impressões diversas que iam desde o corpo dos alunos a impressão de plantas.

A fotografia, ao se inserir nesse processo, oferece não apenas registros visuais, mas também caminhos de autoconhecimento, de construção de memória e de fortalecimento de vínculos pedagógicos. Em última instância, as práticas fotográficas experimentais emergem como ferramentas metodológicas que permitem explorar o sensível, o ético e o estético na formação docente, constituindo-se como espaços de invenção, resistência e expressão que dialogam diretamente com a experiência de ensinar e aprender.

As ações do Projeto Afro-Indígena: Práticas Educativas Étnico-Raciais foram desenvolvidas em cinco etapas. Inicialmente, realizou-se uma apresentação teórica articulando os componentes curriculares de Arte, História e Ciências, destacando as possibilidades de interdisciplinaridade entre eles. Em seguida, aconteceram oficinas de tranças e técnicas fotográficas.

Posteriormente, foi promovida uma aula introdutória sobre a técnica de cianotipia, ministrada pela artista Li Vasc, por meio do Google Meet,

com os estudantes do 7º ano C da Escola Municipal Aruanda. Na sequência, realizou-se uma oficina prática, para a qual os alunos trouxeram plantas e materiais previamente solicitados. Foram também adquiridos os reagentes e vidrarias necessários, contando com a participação da monitora da sala Maker e dos professores das disciplinas envolvidas.

Durante a oficina interdisciplinar, os estudantes realizaram todas as etapas do processo – exposição ao sol, lavagem e viragem de cor – utilizando tanto os espaços abertos da escola quanto os laboratórios Google e Maker. Como culminância, os trabalhos produzidos ao longo do projeto resultaram na “Exposição Identidade e Saberes”, uma galeria de arte montada e apresentada pelos próprios estudantes na escola.

No que concerne a disciplina de Ciências da Natureza no Projeto Afro-Indígena: Práticas Educativas Étnico-Raciais, consideramos que foi de fundamental importância para articular saberes científicos, culturais e identitários de forma contextualizada e significativa. Ao integrar conceitos químicos, biológicos e ambientais ao processo artístico da cianotipia, a área possibilitou que os estudantes compreendessem que a ciência não se limita a fórmulas e laboratórios, mas se manifesta também em práticas sociais, culturais e sensíveis. A técnica da cianotipia, por exemplo, permitiu abordar conhecimentos relacionados à interação da luz com substâncias químicas, às transformações materiais e ao papel histórico da fotografia como tecnologia científica, aspectos que ampliaram o entendimento dos estudantes acerca da natureza do conhecimento científico.

## METODOLOGIA

**Etapa 1** - Organização do projeto afro indígena em parceria com o instituto Alpargatas.

Em 2023, o projeto sobre a cultura afro indígena, desenvolvido anualmente na escola Aruanda, recebeu o apoio financeiro do instituto Alpargatas, possibilitando a compra dos químicos necessários para a experimentação da técnica da Cianotipia, assim como, demais mate-

riais utilizados em oficinas sobre o tema. Na primeira etapa, realizamos um estudo preliminar da proposta do instituto Alpargatas e em seguida buscamos aproximações com os projetos realizados na escola em anos anteriores, que abordaram a temática da cultura afro e indígena.

Na sequência realizamos reuniões com os professores das disciplinas de história, artes e ciências, para construir uma proposta interdisciplinar e pensar em como seriam utilizados os recursos disponibilizados e que parcerias poderíamos realizar com o entorno da escola. Uma das propostas foi convidar a artista visual Li Vasc, que residia no mesmo bairro em que a escola se localiza, para propor um diálogo entre a escola, a cultura afro e indígena e a técnica da cianotipia. Iniciamos as aulas dos conteúdos de cada disciplina, buscando relacionar uma disciplina com a outra, como também, buscando relações com o trabalho da artista visual Li Vasc.

**Imagem 1** - Panfleto criado para ser o convite da culminância do projeto.



**Fonte:** Elaborado pelas autoras para o projeto da Escola, 2023.

**Etapa 2** – Oficina de trançar os cabelos e ensaio fotográfico dos cabelos trançados e cacheados.

Antes de iniciarmos nas práticas artísticas envolvendo o cabelo, realizamos junto aos alunos uma série de leituras da obra de Grada Kilomba, especificamente o livro Memórias de plantação. Percebemos que ao terem contato com os relatos da artista, os alunos começaram a repensar as práticas racistas, que permeavam o seu cotidiano. Além da autora utilizamos como referência a influenciadora e trancista Jacy July. Assim como outros influenciadores que trabalham com cabelos, compreendemos a potência do debate travado pela influencer sobre os jovens da escola, sobretudo meninas negras, que buscam representações autênticas e afirmativas de si.

Sua trajetória rompe estereótipos historicamente associados aos corpos e cabelos negros, oferecendo uma nova perspectiva sobre a beleza e a identidade afro-brasileira. Ao compartilhar experiências pessoais e tutoriais sobre o cuidado com cabelos crespos e cacheados, Jacy July ressignifica práticas cotidianas que, para muitas adolescentes negras, estiveram durante décadas marcadas pela dor, pela negação e pela tentativa de adequação a padrões eurocêntricos. Assim, sua atuação nas redes sociais vai além da estética: ela se transforma em um ato político e pedagógico.

No contexto escolar, a presença de figuras como Jacy July pode ser um recurso valioso para educadores comprometidos com a implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Ao trazer referências contemporâneas para o espaço pedagógico, cria-se uma ponte entre os conteúdos curriculares e o universo simbólico dos estudantes, aproximando a escola das linguagens que fazem parte de suas vidas. Jacy July, nesse sentido, representa não apenas uma influenciadora, mas também uma educadora informal, que contribui para o processo de construção de uma consciência crítica sobre identidade e racismo.

Além disso, o contato com narrativas como a de Jacy July favorece o desenvolvimento da autoestima e do empoderamento entre adolescentes negros e negras, estimulando o respeito às diferenças e o reconhecimento da pluralidade cultural brasileira. Sua visibilidade nas redes desafia o silenciamento histórico das vozes negras e inspira jovens a valorizarem suas origens e histórias. Ao mesmo tempo, sua presença contribui para a formação de sujeitos antirracistas, pois também mobiliza reflexões entre alunos não negros sobre os privilégios e as desigualdades raciais.

Partindo dessas duas referências, realizamos oficinas de trançar cabelos com linha de crochê, que foram realizadas por alunas e contou com o apoio de familiares de alunas que trabalhavam como trancistas. Percebemos um movimento por parte das alunas, de aprender e passar o conhecimento adiante, ou seja, uma aluna que era filha de uma trancista, ensinava a técnica, para que outras alunas se tornassem trancistas também, e assim, boa parte das alunas da escola experienciaram ter o cabelo trançado e trançar o cabelo umas das outras. O apoio financeiro do instituto Alpargatas, possibilitou a compra das linhas de crochê coloridas, e assim permitiu que todas as alunas da escola, que se interessaram pela proposta, pudessem trancar várias vezes os cabelos aprimorando a técnica e experimentando cores diversas.

Em seguida, a professora de artes trabalhou com os alunos, técnicas de fotografia (enquadramentos e planos), e os incentivou a fazer ensaios fotográficos nos espaços da escola, utilizando celulares.

**Imagem 2** - Alunas do 7º ano com os cabelos trançados e cacheados em ensaio fotográfico.

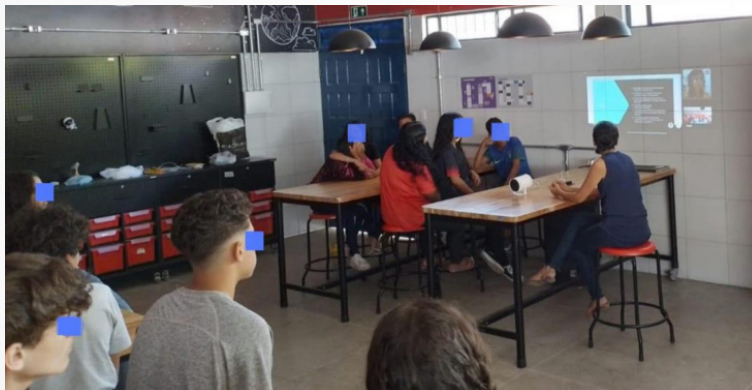


**Fonte:** Acervo das autoras, 2023.

### **Etapa 3** – Aula virtual com a artista visual Li Vasc

Enfim chegou um momento muito aguardado pelos alunos, o de conhecer a artista visual Li Vasc e conhecer os processos referentes a técnica da Cianotipia. A aula foi virtual, no entanto, foi teórica e prática. Uma oportunidade de aprendizado para os alunos e professores, que se tornaram multiplicadores da técnica nas aulas seguintes. No dia da aula estava nublado, o que dificultou o processo de revelar a imagem no sol, mesmo assim, foi possível realizar todo o passo a passo, e, portanto, criar um esboço da proposta.

**Imagem 3** - Aula virtual com a artista visual Li Vasc



**Fonte:** Acervo das autoras, 2023.

#### **Etapa 4** – Experimentação da técnica de cianotipia com os alunos do 7° C

Nas aulas seguintes, realizamos diversas experimentações para que cada aluno conseguisse criar a sua obra, a partir do conhecimento adquirido e das possibilidades técnicas, alguns alunos optaram por fazer a impressão dos cabelos, outros decidiram por revelar uma foto do ensaio fotográfico realizado anteriormente e os demais trabalharam com a impressão de plantas criando imagens com significados e poéticas.

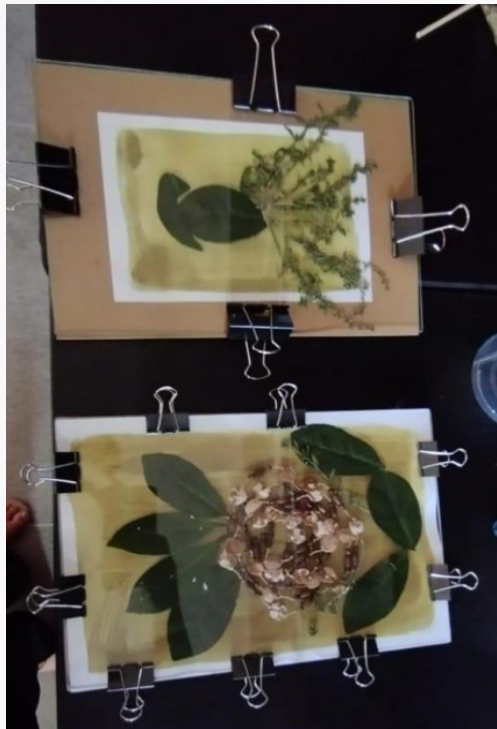
A técnica de cianotipia realizada na escola, seguiu o seguinte passo a passo: misturar dois químicos, passar o químico em um papel com o auxílio de um pincel, colocar um papelão embaixo do papel, colocar o que será revelado em cima do papel com o químico, colocar um vidro por cima, prender tudo com grampos de papelaria, deixar no sol por um tempo, lavar em água corrente e estender para secar.

A utilização das plantas como matrizes para a impressão não se restringiu ao aspecto estético da produção artística; ela possibilitou integrar ao processo a discussão sobre o papel das plantas medicinais nas culturas afro e indígena, abordando conteúdo da botânica, ecologia e saúde no contexto do ensino de Ciências.

Esse diálogo permitiu que os estudantes reconhecessem que o conhecimento científico é construído historicamente e que os saberes tradicionais, muitas vezes transmitidos oralmente por comunidades negras e indígenas, possuem valor terapêutico e cultural significativo. Ao identificar, coletar e manipular as plantas durante o processo de criação, os alunos puderam compreender a importância da biodiversidade, refletir sobre o uso sustentável dos recursos naturais e reconhecer as plantas como elementos de cura, memória e identidade.

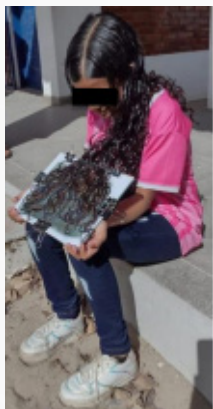
Dessa forma, a prática contribuiu para valorizar epistemologias ancestrais, reforçando uma perspectiva de Ciência que considera a pluralidade de saberes e promove uma formação crítica, sensível e culturalmente contextualizada.

**Imagem 4** - Processo da cianotipia (impressão de elementos da natureza)



**Fonte:** Acervo das autoras, 2023.

**Imagem 5** - Processo da aluna Kettyly (impressão do cabelo)



**Fonte:** Acervo das autoras, 2023.

**Imagem 6** - Processo da aluna Marcelly (impressão da fotografia)



**Fonte:** Acervo das autoras, 2023.

### **Etapa 5** - Exposição Identidade e Saberes

As cianotipias criadas pelos alunos foram organizadas na exposição identidade e saberes, os trabalhos foram desenvolvidos a partir do aprendizado com a artista visual Li Vasc, por meio da impressão do cabelo e da imagem dos alunos, com o objetivo de refletir sobre a estética afro, como também, usando plantas para refletir sobre os saberes medicinais ligados a cultura afro e indígena.

**Imagem 7** - Alunos do 7° C com suas cianotipias criadas a partir da temática afro-indígena



**Fonte:** Acervo das autoras, 2023.



**Imagem 8** - Exposição Identidade e Saberes



**Fonte:** Acervo das autoras, 2023.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir do desenvolvimento do projeto evidenciam o impacto das práticas pedagógicas voltadas à valorização da identidade, da ancestralidade e da expressão artística no ambiente escolar. As produções dos alunos revelaram processos de reflexão profunda sobre questões históricas, sociais e pessoais, possibilitando uma aprendizagem significativa e sensível.

Entre as criações, um dos alunos representou um olho com lágrimas caindo em uma xícara, simbolizando a dor e o sofrimento da escravidão nas plantações de café. A obra expressa uma leitura crítica e poética sobre a herança histórica da escravidão, demonstrando como a arte pode ser um meio potente de reflexão sobre o passado e suas permanências no presente.

Outro aspecto observado foi a transformação nas práticas de autoafirmação e estética pessoal das alunas. Notou-se um aumento considerável do número de meninas que passaram a usar o cabelo solto, cacheado ou trançado no cotidiano escolar, mesmo após o encerramento das atividades. Tal mudança revela o fortalecimento da autoestima e da valorização das identidades negras, resultado direto do diálogo e das vivências promovidas pelo projeto.

As associações simbólicas também emergiram nas falas e produções dos estudantes. Algumas alunas relacionaram as ondas dos cabelos às ondas do mar, estabelecendo uma conexão entre natureza, ancestralidade e beleza. Essa metáfora evidencia a ampliação do olhar poético e identitário, possibilitada pelas experiências artísticas.

Além disso, um aluno construiu um berimbau utilizando folhas e galhos, demonstrando interesse pela cultura afro-brasileira e pela musicalidade como forma de expressão e resistência. Já uma aluna produziu uma obra com o tema Florescer, em que refletiu sobre o processo de autodescoberta e consciência despertado ao longo da experiência, simbolizando o crescimento pessoal e coletivo vivenciado durante o projeto.

De modo geral, os resultados indicam que a experiência contribuiu para a valorização da cultura afro-brasileira, o reconhecimento das próprias identidades e o desenvolvimento de uma consciência crítica e estética entre os alunos. As manifestações artísticas se tornaram, assim, espaços de escuta, expressão e transformação, reafirmando o papel da arte como instrumento pedagógico e emancipador no contexto escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência apresentado evidencia que o Projeto Afro-Indígena: Práticas Educativas Étnico-Raciais contribuiu de maneira significativa para o aprofundamento das discussões sobre as relações étnico-raciais na Escola Municipal Aruanda. A articulação interdisciplinar entre Artes, Ciências e História mostrou-se eficaz para promover uma aprendizagem significativa, permitindo que os alunos relacionassem teorias acadêmicas com práticas poéticas e experimentações artísticas.

A realização da oficina “Identidade e Saberes”, mediada pela artista Li Vasc, possibilitou aos estudantes aproximar-se das linguagens visuais contemporâneas e experimentar técnicas inovadoras, como a cianotipia com cabelos, ampliando seu repertório cultural e sensível. Os relatos e produções dos alunos demonstraram que a corporeidade, as vivências e

saberes individuais podem ser potentes recursos educativos, favorecendo um engajamento mais profundo com a temática afro-brasileira.

Por fim, a experiência reforça que projetos educativos fundamentados na interdisciplinaridade e na parceria com artistas podem se constituir em caminhos profícuos para a implementação da Lei 10.639/03, contribuindo para uma educação mais inclusiva, crítica e culturalmente enriquecedora. Futuras iniciativas podem aprofundar o diálogo com outras linguagens artísticas e expandir a participação de diferentes turmas, consolidando a abordagem das culturas afro-brasileiras no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Christina Z. *Cyanotype: The Blueprint in Contemporary Practice*. 2. ed. New York: Routledge, 2019.

ATKINS, Anna. *Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions*. London: The British Library, 2018 [1843].

CARUSO, Francisco; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de; SILVEIRA, Fernando Lopes da. *Arte e ciência: diálogos possíveis no ensino de ciências*. São Paulo: Cortez, 2002.

CHAGAS, Renata Voss; BASTOS, Julia Vilela; GRANGEON, Giulia Lagrotta Passos. *Fotografia alternativa na criação contemporânea: uma exploração da cianotipia enquanto ferramenta artística*. In: **33º Encontro Nacional da ANPAP**, 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PINHEIRO, Daniela Corrêa da Silva. *Conversas com a Natureza II: Pós-fotografia com anthotype*. Covilhã. Editora: LabCom. Coleção: Ars.2023. Disponível em: [https://backoffice.iartes.ubi.pt/wp-content/uploads/2023/06/Conversas\\_nature-zall\\_DanielaPinheiro\\_web.pdf](https://backoffice.iartes.ubi.pt/wp-content/uploads/2023/06/Conversas_nature-zall_DanielaPinheiro_web.pdf). Acesso em: 16 ago. 2025.

PINHEIRO, Daniela Corrêa da Silva. *Articulações entre a prática docente, o anthotype e a agricultura agroecológica*. *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 024-036, 2022. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22846>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PORTO, Tania Mara Galli; PORTO, Sérgio Antonio da Silva. Projetos de Aprendizagem: uma pedagogia para a pesquisa. Porto Alegre: Mediação, 2012.

SILVA, T.G. [Entre] imagens transitórias. Mestrado em Artes Visuais. Universidade do Estado de Santa Catarina. Santa Catarina, 2017, 167f.

SOARES, Marina da Silva. Mar Aberto: Poéticas em Processos Fotográficos Históricos e Alternativos. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

VENERE, Mario Roberto; MOREIRA, Melissa Velanga; VELANGA, Carmen Tereza. IMAGENS FOTOGRÁFICAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: compartilhando saberes no Ensino Superior. Rev. Exitus, Santarém, v. 11, e020135, 2021. Disponível em: DOI:[10.24065/2237-9460.2021v11n1ID1539](https://doi.org/10.24065/2237-9460.2021v11n1ID1539). Acesso em: 10 jul. 2025.

WARE, Mike. Cyanotype: The History, Science and Art of Photographic Printing in Prussian Blue. London: Science Museum, 2014.